



# X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## O POSITIVISMO, A EDUCAÇÃO E A HISTÓRIA ENSINADA

GUSMÃO FREITAS AMORIM

EIXO: 11. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

### RESUMO

No presente artigo apresentamos os pressupostos fundamentais do positivismo, com ênfase para o pensamento de Augusto Comte (1798-1857), o mais difundido no Brasil. Refletimos sob tal influência tanto na educação quanto sobre a concepção e o ensino de História. O faremos tendo por base bibliográfica os próprios escritos de Comte (1978a; 1978b), assim como os de Löwy (1991) e Andery e Sérgio (2012) sobre a influência do mesmo sobre as ciências sociais; Oliveira (2010) e Saviani (1995) sobre a relação entre as ideias positivistas e a educação brasileira no século XX; e por fim, por Azevedo e Stamatto (2010) sobre a forma como essa corrente filosófica concebe a História e, por conseguinte, seu ensino. Concluimos ter o positivismo comtiano forte presença, tanto no campo político como educacional. E, ainda, que a forma como é produzida e ensinada a História, até os dias de hoje, é retrato fiel, em muitos aspectos, dessa corrente de pensamento.

**Palavras-Chaves:** Positivismo. Educação. História ensinada. **RESUMEN**

En este trabajo se presentan los supuestos básicos del positivismo, haciendo hincapié en la idea de Auguste Comte (1798-1857), la más extendida en Brasil. Reflejado bajo tal influencia tanto en la educación como en el diseño y la enseñanza de la historia. La vamos a tener una base de datos bibliográfica con los propios escritos de Comte (1978a; 1978b), así como la Lowy (1991) y Andery y Graves (2012) sobre la influencia de la misma en las ciencias sociales; Oliveira (2010) y Saviani (1995) sobre la relación entre las ideas positivistas y la educación brasileña en el siglo XX; y, finalmente, por Azevedo y Stamatto (2010) sobre las modalidades de dicha corriente filosófica diseños de la historia y por lo tanto su enseñanza. El positivismo han llegado a la conclusión fuerte

presencia comtiana tanto en el campo político como educativo. Y, sin embargo, la forma en que se produce y se enseña la historia hasta el día de hoy, es una imagen real de muchas maneras, esta corriente de pensamiento. **Palabras-claves:** Positivismo. Educación. La historia ha enseñado.

## **INTRODUÇÃO**

Refletimos neste artigo sobre os pressupostos que caracterizam o pensamento positivista – corrente filosófica surgida na França em princípios do século XIX -, com destaque, sobretudo, para o filósofo francês Augusto Comte (1798-1857), que influencia muitos intelectuais e políticos brasileiros desde o processo que culminará, em 1889, com a proclamação da República brasileira.

Identificamos em que aspectos e momentos houve influência desta corrente de pensamento sobre a educação brasileira no decorrer do século XX, como, por exemplo, na Pedagogia Tecnicista da década de 1970 (SAVIANI, 1995). Analisaremos qual concepção de História é trazida pelo movimento positivista, sobretudo a de Comte, assim como a concretização de tal compreensão sobre o ensino de História: quais características assumem sua narrativa e qual a metodologia predominante em seu processo de ensino.

Trata-se de um artigo de revisão bibliográfica, no qual trabalharemos principalmente com os escritos de Comte (1978a; 1978b), Löwy, (1991) e Andery e Sérgio (2012) sobre a as características e influência do movimento positivista nas ciências sociais; com Oliveira (2010) e Saviani (1995) sobre a relação entre as ideias positivistas e a educação brasileira no século XX; e por fim, por Azevedo e Stamatto (2010) sobre a forma como essa corrente filosófica concebe a História.

Discorremos, respectivamente, sobre os pressupostos básicos do positivismo em sua gênese e em sua versão comtiana; sobre a influência de tal movimento no Brasil, com destaque para a esfera educacional; e, por fim, sobre como é pensada a História, e seu ensino, sobre os ditames dessa corrente filosófica.

## **O POSITIVISMO**

O positivismo, filho do Século das Luzes, XVIII, de acordo com as análises de Löwy (1991), pode ser caracterizado a partir de três marcantes pressupostos. O primeiro, e fundamental, é o de que, assim como as ciências naturais e exatas, a sociedade é regida por leis que independem do julgo humano, são invariáveis e independentes de suas vontades. Isso implica que, sendo a natureza harmoniosa, com leis não variáveis, a sociedade também é portadora de uma harmonia natural.

Em decorrência de tal pressuposto, conclui-se que, se as leis que regem a sociedade são as mesmas que regem a natureza, o método utilizado para conhecermos as sociedades humanas também devem ser os mesmos. Segundo os positivistas, “a metodologia das ciências sociais tem que ser idêntica à metodologia das ciências naturais” (LÖWY, 1991, p. 36).

Por fim, se as leis que regem a sociedade e os métodos que usamos para conhecê-las são os mesmos das ciências naturais, as ciências sociais devem seguir o modelo da objetividade científica. Segundo Löwy, “a concepção positivista é aquela que afirma a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com as posições políticas, os valores morais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo” (1991, p. 36).

Sob a forte luz do Iluminismo, o positivismo surge como um movimento contestador da ordem social vigente e configura-se, a princípio, como uma corrente de pensamento de caráter revolucionário. Carrega em si, nesse primeiro momento, aspecto crítico e utópico, tal qual o espírito dos filósofos iluministas.

Condorcet e Saint-Simon são grandes expoentes deste positivismo com caráter revolucionário. O primeiro, do grupo dos enciclopedistas, diz que, até aquele momento, a ciência social era produzida sob o julgo dos preconceitos das classes dominantes. Pregava o rompimento do controle dessas classes sobre a produção do conhecimento e sobre a sociedade. Já Saint-Simon, primeiro a utilizar o termo positivo em relação a ciência, mais contundente em suas posições críticas, considerava a sociedade do ponto de vista da fisiologia, e dizia que certas classes sociais funcionavam como verdadeiros “parasitas do organismo social, referindo-se aí à aristocracia e ao clero” (LÖWY, 1991, p. 38).

### **O positivismo de Augusto Comte e a História**

Comte, secretário de Saint-Simon que se autoproclamava fundador de uma nova ciência - a sociologia - e religião - a positiva -, é quem rompe a lógica do positivismo com aspectos revolucionários, trazendo à corrente de pensamento o que é mais difundido durante o século XX (ANDERY e SÉRIO, 2012, p. 373). Mesmo se dizendo continuador da obra de Condorcet e Saint-Simon, acusa ambos de serem críticos em demasia, carregados de negatividade. Quando, na verdade, o pensamento tinha que ser “inteiramente positivo, dever-se-ia acabar com a crítica e negatividade, isto é, com a dimensão revolucionária deste pensamento” (LÖWY, 1991, p. 38). O positivismo, agora comtiano, é consagrado à causa da defesa da harmonia e da ordem social.

Comte (1978b) defende o que chama inicialmente de Física Social: ciência regida sob os mesmos princípios dos fenômenos físicos, que objetiva estudar os fenômenos sociais e, assim sendo, é

portadora de leis invariáveis que justificaria toda ordem vigente. A distribuição de riqueza e poder econômico, por exemplo, a partir dessa afirmação, estaria sob o julgo de uma lei invariável, cabendo, nessa lógica, à sociologia esclarecer aos explorados tais leis, para que possam eles ser esclarecidos dessa inevitabilidade da concentração de riquezas nas mãos da burguesia industrial (LÖWY, 1991). Comte afirma que

[...] o espírito positivo leva sempre a estabelecer exata harmonia elementar entre as idéias de existência e as idéias de movimento, donde resulta mais especialmente, no que respeita aos corpos vivos, a correlação permanente das idéias de organização com as idéias de vida e, em seguida, graças a uma última especialização peculiar ao organismo social, a solidariedade contínua das idéias de ordem com as idéias de progresso. Para a nova filosofia, a ordem constitui sem cessar a condição fundamental do progresso e, reciprocamente, o progresso vem a ser a meta necessária da ordem; como no mecanismo animal, o equilíbrio e a progressão são mutuamente indispensáveis, a título de fundamento ou destinação (1978b, p. 69).

Sendo tal pressuposto adotado por todos os membros e classes da sociedade, teríamos a consolidação da ordem pública. É esse positivismo comtiano e seu caráter conservador que figurará na história da educação brasileira desde o século XIX, e que está presente nas nossas instituições e modelos pedagógicos até os dias de hoje.

Comte (1978b), em contexto no qual se desenvolvia a passos largos a indústria e a ciência, acreditava que tal progresso ainda não tinha acontecido no campo do conhecimento, o que para ele era algo inconcebível: o estágio intelectual da sociedade contemporânea não condizia com o progresso das citadas áreas.

Nesse sentido argumenta que durante a história da humanidade o pensamento humano teria passado por três estados de desenvolvimento: um teológico, um metafísico e um positivo.

No estado teológico, o espírito humano, [...] apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

No estado metafísico, [...] os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades (abstrações personificadas)

inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente.

Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude (COMTE, 1978a, p. 04).

Comte afirma, que embora necessários ao homem, os dois primeiros estados deveriam ser superados para que o homem alcançasse o positivo, o conhecimento científico, caracterizado pela gênese fruto da observação, não mais da especulação e abstração. Tal evolução é entendida como desenvolvimento do espírito humano.

Parte de tal pressuposto a ideia de Comte de que a História está sempre propensa a evolução e ao progresso, que o processo histórico tende sempre a melhorar gradativa e linearmente a humanidade, sem a necessidade de rupturas bruscas e ou revoluções. Entende a História como “um conjunto de fases imóveis, que num contínuo, substituem umas às outras, de forma que cada estágio é superior ao anterior” (ANDERY e SÉRIO, 2012, p. 377).

Há uma evolução linear progressista que faz parte da História, considerando “sempre o estado presente como resultado necessário do conjunto da evolução anterior, de modo a fazer constantemente prevalecer a apreciação racional do passado no exame atual dos negócios humanos” (COMTE, 1978b, p. 69), daí a necessidade, segundo Comte, de afastar no processo de construção do conhecimento um enfoque puramente crítico, pois correríamos o risco de corromper o entendimento desse presente a partir da deturpação do passado.

A História é sim um constante processo de transformação, mas segue sempre dois princípios básicos: o da ordem e o do progresso. O primeiro pressupõe que tais transformações acontecem sempre de forma ordeira, jamais são radicais e sempre gradativas. Enquanto o segundo sempre leva as sociedades a melhorias. É neste sentido que a verdadeira explicação, incluímos aqui a produção do conhecimento histórico, deve limitar-se a apresentação de suas fases. Assim sendo, também, cabe ao homem, não reconhecido como sujeito histórico ativo, apenas a resignação: “[...] é preciso aguarda o desenvolvimento e aguardá-lo respeitando sua ordem natural, seu tempo, seus limites, num processo de espera, que é, ele também, ordeiro” (ANDERY e SÉRIO, 2012, p. 377).

## **POSITIVISMO NO BRASIL E A EDUCAÇÃO**

O positivismo, entendido como uma filosofia que “expressa confiança nos benefícios da industrialização, no otimismo em relação ao progresso capitalista, no culto à ciência e a valorização do método científico, voltados a uma reforma intelectual da sociedade” (Oliveira, 2010, p. 09), já havia, na década de 1870, se alastrado por vários países, mesmo fora da Europa, e está presente até os dias de hoje em variadas esferas da sociedade e em diferentes âmbitos.

No caso do Brasil, Oliveira (2010) afirma ter predominado a corrente positivista comtiana em diferentes campos, com destaque para o político, o filosófico e o educacional. O movimento teve papel importante no processo de consolidação da república. Segundo Carvalho (1990), um instrumento relevante para aqueles que estavam a frente da proclamação, servindo de fundamento para a montagem de uma rede de símbolos que identificassem o Brasil como uma nação republicana: o hino, os heróis e a bandeira, são exemplos disso. Não à toa carregamos no nosso pendão o lema “ordem e progresso”.

Oliveira (2010) afirma que as ideias positivistas chegam ao Brasil de forma um pouco precárias, visto que vinham através dos filhos das elites que saíam para estudar na Europa, geralmente por pouco tempo, e que lá tinham contato com as filosofias da época. Ou, de outro modo, através de intelectuais autodidatas. De uma ou outra forma, o autor defende que, por vezes, essas ideias foram mal ou parcialmente interpretadas, apresentando incoerência com as fontes originais.

Outro dado interessante, nesse contexto, é o fato de que os primeiros brasileiros em contato com o positivismo eram ligados a áreas mais técnicas das ciências, pois era desejo da elite ter seus filhos transformados em militares, engenheiros ou médicos. O que ligará o positivismo brasileiro mais à área das chamadas ciências positivas, como a matemática, a física e biologia.

### **A educação positiva no Brasil**

Comte (1978) atrela o adjetivo universal à educação, defendendo ser a sua principal função a promoção “social e o respeito à hierarquia social uma vez que não importava, para ele, homem nem classe, mas a Humanidade” (FAUSTINO e GASPARIN, 2001, p. 164). O ideal escolar do positivismo, portanto, tem como fundamento uma educação para todos.

A educação laica e universal das massas proletárias garantiria a ordem partindo do pressuposto de que “[...] o proletariado purificado de toda disposição anárquica por uma sábia educação, onde dominará o verdadeiro conhecimento de nossa natureza individual e coletiva, respeitará e fará respeitar uma classificação social da qual sentirá as benfeitorias contínuas. (BERGO,1979 apud

FAUSTINO e GASPARIN, 2001, p. 163)[i]. A “educação universal” é um instrumento de garantia de manutenção da ordem e da harmonia.

Se o povo está agora e deve permanecer a partir desse momento indiferente à posse direta do poder político, nunca pode renunciar à sua indispensável participação contínua no poder moral. Este é o único verdadeiramente acessível a todos, sem perigo algum para a ordem universal, muito pelo contrário: traz-lhe grandes vantagens cotidianas, autorizando cada um, em nome duma comum doutrina fundamental, a chamar convenientemente as mais altas potências a seus diversos deveres essenciais (COMTE, 1978b, p. 86).

Tal educação, sobretudo em seu âmbito moral, é fundamental também para o progresso, que assim como a ordem, é um destino natural da sociedade moderna, em seu estado positivo. Só a educação, universal, é capaz de livrar o homem das trevas “da ignorância, da desordem e da anarquia moral” (FAUSTINO e GASPARIN, 2001, p. 164).

Comungando dessa educação comitiana, o positivismo brasileiro centra suas forças sobre a educação já desde o início da República, sobretudo por meio da Sociologia e da Psicologia, entrelaçado com os pressupostos do evolucionismo e do conservadorismo. Afirmam que, se a lógica do positivismo é pretensão de regeneração da humanidade, a educação aparece, nesse sentido, como “ponto de unidade do sistema”.

Andery e Sérgio (2012) afirmam que alguns pesquisadores contestam toda essa importância atribuída ao positivismo no Brasil, mas ponderam que, apesar de discutível, “[...] é inegável seu papel, pelo menos no que diz respeito a influência de alguns homens que abraçavam o positivismo e foram importantes nesses momento histórico” (p. 373). É este o caso de militares do exército brasileiro ligados ao período em questão, como Benjamin Constant, que assumiu entre 1890 e 1892 a pasta de *Instrução, Correios e Telégrafos*, promovendo uma reforma do ensino secundário brasileiro.

Oliveira (2010) dá destaque ao caráter conservador que o positivismo assume no Brasil, sobretudo em relação a expansão do ensino superior. O positivismo europeu, mais ortodoxo, era contra as universidades por essas estarem ligadas tradicionalmente a Igreja Católica, o que ia contra o pressuposto da educação laica. O autor afirma, no entanto, que a rejeição a universidade foi ainda maior que ao catolicismo.

Em relação ao positivismo nas tendências pedagógicas brasileiras, a autora afirma que, mesmo

considerando a forte influência do catolicismo desde o século XVI, e o fato de se relacionarem a tudo que é anterior a Pedagogia Nova, como Pedagogia Tradicional, o positivismo, já na última década do século XIX, figura como corrente predominante, assim mantendo-se durante toda a Primeira República.

Foi através da Pedagogia de John Herbart, segundo Oliveira (2010), que o positivismo infiltra-se no seio das correntes pedagógicas brasileiras, somando a Pedagogia Tradicional “o rigor, a disciplina e a organização curricular” típicos da corrente filosófica em questão, ajudando a superar o sistema jesuítico ali presente a mais de três séculos. O autor afirma isso a partir das considerações de Dermeval Saviani sobre o que mais caracterizara o campo pedagógico no Brasil no período que vai de 1759 a 1932, caracterizado por uma vertente leiga da Pedagogia Tradicional, que seria de origem positivista.

Mas podemos mesmo, com mais clareza, perceber a presença do positivismo nas ideias pedagógicas brasileiras na chamada Pedagogia Tecnicista, que vai predominar no Brasil, sobretudo, a partir da década de 1970, a qual Saviani atribui as seguintes características:

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico (1995, p. 23).

Particularidades como a neutralidade e a objetividade ligam claramente essa e outras correntes da pedagogia brasileira durante o século XX ao movimento positivista, sendo o exemplo claro o do citado tecnicismo: “[...] buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem por em risco sua eficiência” (SAVIANI, 1995, p. 24).

## **O POSITIVISMO E A HISTÓRIA ENSINADA**

Ao se propor falar da influência das correntes filosóficas que incidem sobre o ensino de História no Brasil, sobretudo a positivista, temos que recuar, segundo Azevedo e Stamatto, pelo menos até a década de 1930, mais especificamente à Reforma Francisco Campos, de 1931. Esta recomendava a substituição do termo História Universal por História da Civilização, e representa, “o rompimento com uma visão tradicional católica do conhecimento histórico e a aproximação com uma visão laica, de fundamento positivista” (2010, p. 711).



A história, à moda positivista, era ensinada como uma construção de verdade indiscutível, cujo narrador - no caso o professor - não interferia na sua construção. Descrita como “um processo contínuo e linear que determinava a vida no presente”, fazia justiça ao um contexto no qual predominava na esfera curricular os “estudos literários voltados para um ensino clássico e humanístico, e destinados à formação de cidadãos proprietários e escravistas” (AZEVEDO e STAMATTO, 2010, p. 712).

Sob a influência do positivismo adotado pela República, a História era concebida em uma perspectiva de totalidade, ou seja, todo o passado da humanidade era organizado linearmente de forma contínua e harmoniosa. Sua função era pura e simplesmente o levantamento dos fatos, cabendo à sociologia sua interpretação. O documento tem como função a apresentação dos fatos e à história resta narrar os fatos tal e qual aconteceram.

Caraterística marcante do ensino de História sob a influência positivista é, também, a periodização,

[...] que não estimula a busca autônoma e criativa do conhecimento histórico, pois impõe uma sequência preestabelecida de conteúdos. Dessa forma, não se favorece a liberdade na escolha dos assuntos a serem estudados. O ensino é marcado pela narrativa construída sobre exemplos a serem apreendidos, admirados e seguidos através do estudo das ações realizadas pelos heróis considerados construtores da nação, os governantes principalmente (AZEVEDO e STAMATTO, 2010, p. 712).

É famoso e muito ilustrativo dessa ênfase do positivismo sobre o protagonismo das grandes figuras públicas, políticas, sobretudo, como sujeitos heróis primordiais do processo histórico, o poema contestador de Bertold Brecht, “Perguntas de um trabalhador que lê”, que reivindica a todos os indivíduos o protagonismo dos acontecimentos históricos. Por isso questiona:

Quem construiu a Tebas de sete portas?

Nos livros estão nomes de reis: arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída, quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?

Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo: quem os ergueu?

Sobre quem triunfaram os Césares?

A decantada Bizâncio, tinha somente palácios para os seus habitantes?

[...] Tantas histórias. Tantas questões.

A História, dita positivista, separa o sujeito pesquisador, o historiador, de seu objeto. Acredita-se na perspectiva de que a história existe em si e está dada nos documentos. Neste sentido, toda ponderação de cunho teórico é prejudicial, pois embrenhar-se na especulação filosófica, fugindo assim da objetividade. A verdadeira história, científica, é aquela produzida por um sujeito completamente neutro, ao qual não cabe julgar ou problematizar a realidade. O passado é resgatado a partir de descrição de documentos escritos e oficiais.

Outro aspecto forte da História sob os moldes positivistas é o ordenamento dos conteúdos de forma linear e a visão eurocêntrica dos mesmos. Ou seja, não se reconhece como primordial as histórias locais, mesmo a nacional deve estar subordinada à História Universal. Isso implica acreditar que os próprios sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, os alunos e o professor, não são históricos, na lógica de que desconsidera a ação dos grupos sociais em suas particularidades. Azevedo e Stamatto, neste sentido, afirmam que “[...] uma abordagem curricular positivista não viabiliza a compreensão da realidade sociocultural da comunidade escolar posto que não há espaço para as relações entre presente e passado e os conteúdos históricos não têm meios para contextualização” (2010, p. 713).

O estudo da História, assim como dos conteúdos em si, não tem a pretensão de uma tomada de consciência da realidade com o intuito de modificá-la, ou de que o sujeito entenda-se como um agente revolucionário, como pressupõe outras correntes de pensamento, mais sim de desenvolver, o que deveria começar no seio familiar, sobretudo através da mãe, “o amor aos superiores e a veneração aos ancestrais, objetivando encaminhar os indivíduos à consciência de conjunto social” (FAUSTINO e GASPARIN, 2001, p. 164). Só o cultivo da obediência garantirá a ordem e a harmonia social, pressupostos básicos também para que o progresso se concretize. Na nova ordem, segundo Comte (1978a) deve sempre imperar o positivo, jamais o negativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que os pressupostos clássicos do pensamento positivista, sobretudo o de pensamento de Augusto Comte, tem presença forte sobre o campo político no Brasil, já a partir da proclamação da República em 1889. E que tal influência atinge também a forma de se conceber a educação deste período e durante o século XX, tanto na organização do sistema educativo, como em

algumas correntes pedagógicas, como é o caso da Pedagogia Tecnicista já na década de 1970.

Que a educação é vista, dentro da ótica comtiana, para todos, mas na lógica de um instrumento garantidor da ordem social, traduzindo-se então em um caráter conservador: é importante que todos tenham instrução, mas no sentido de serem doutrinados sobre o como se comportar dentro do corpo social, quais as funções e papéis a serem cumpridas para que se garanta a efetivação da ordem e do progresso.

Não à toa Faustino e Gasparin (2001) afirmam que o ideal positivista de educação consegue adesão em vários países capitalistas, já na segunda metade do século XX, ao pregar o respeito aos superiores e a sua posição social, o que permitiria dispensar o uso da força para manter a ordem.

E, por fim, que a forma como é produzida e ensinada a História, até os dias de hoje, é retrato fiel, em muitos aspectos, dessa corrente de pensamento. Ao considerar que o processo histórico seguido pela a humanidade tem caráter linear e progressivo, que o historiador - ou o professor - não deve interferir com reflexões de cunho mais subjetivo e crítico sobre a interpretação dos fatos, que os documentos falam por si e que a história é feita por grandes personagens, sobretudo figuras políticas, é clara a influência positivista sobre a História e o ensino de História.

**BIBLIOGRAFIA** ANDERY, Maria Amélia Pie Abib; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. Há uma ordem imutável na natureza e o conhecimento a reflete: Augusto Comte (1798-1857). In: ANDERY, Maria Amélia Pie Abib et al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. AZEVEDO, Crislane Barbosa; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. **Antíteses**, v. 3, n. 6, pp. 703-728, Jul./Dez., 2010. BRECHT, B. Perguntas de um trabalhador que lê.

Disponível em:

<http://>

[www.](http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1568771)

[recantodasletras.com](http://www.recantodasletras.com)

[.br](http://www.recantodasletras.com.br)

[/cronicas/1568771](http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1568771).

Acesso em: 05 de jun. 2016. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. COMTE, Augusto. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978a. Col. Os Pensadores. -----  
**Discurso sobre o Espírito Positivo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978b. Col. Os Pensadores. FAUSTINO, Rosângela Célia; GASPARIN, João Luiz. A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história. **Acta Scientiarum**, Maringá, 23(1), pp. 157-166, 2001. LÖWY,

Michael. **Ideologia e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 7ª ed. – São Paulo, 1991. OLIVEIRA, Claudemir Gonçalves de. A matriz positivista na educação brasileira: uma análise das portas de entrada no período Republicano. **Diálogos Acadêmicos** - Revista Eletrônica da faculdade Semar/Unicastelo, v. 1, n. 1, pp. 01-17, Edição Out./Jan., 2010. SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 30ª ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

[1] BERGO, A.C. O positivismo como superestrutura ideológica no Brasil e sua influência na educação. 1979. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 1979.

\*Discente do Mestrado Acadêmico em Educação e Ensino (MAIE) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Pesquisa e Abordagens em História (UECE) e Gestão Escolar (UFC). Bolsista da CAPES. E-mail: gusmaofa@yahoo.com

.br

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: